

A interface sintaxe-semântica: uma análise da construção *(ser) capaz de/que* baseada na Gramática de Papel e Referência

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3950>

Pablo Jardel Oliveira do Rosário¹

Resumo

Assumindo a ideia de que a estrutura da oração é organizada em camadas hierárquicas (Van Valin, 2005), este artigo propõe uma análise da construção modal *(ser) capaz de/que* na língua portuguesa, buscando identificar correlações entre as suas propriedades semânticas e sintáticas. Em termos teórico-metodológicos, o trabalho adota o modelo gramatical estratificado da Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar* – RRG) (Van Valin, 1993; Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 2023). O *corpus* utilizado no trabalho é o *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), do qual foram extraídas linhas de concordâncias da construção, provenientes do seu banco de dados *web/dialetos*. A análise das ocorrências mostra que a construção pode ser meio de expressão de diferentes valores modais e pode figurar em diferentes tipos de estrutura complexa.

Palavras-chave: camadas hierárquicas; modalidade; RRG.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; pablo.jardel@unesp.br; <https://orcid.org/0009-0005-6026-933X>

The syntax-semantics interface: an analysis of the *(ser) capaz de/que* construction based on Role and Reference Grammar

Abstract

Assuming the idea that the clause structure is organized into hierarchical layers (Van Valin, 2005), this article proposes an analysis of the modal construction *(ser) capaz de/que* in the Portuguese language, aiming to identify correlations between its semantic and syntactic properties. From a theoretical-methodological perspective, this study adopts the layered grammatical model of Role and Reference Grammar (RRG) (Van Valin, 1993; Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 2023). The *corpus* used in the study is the *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), from which concordance lines in the *web/dialects* database were extracted. The analysis of the occurrences shows that the construction can serve as a means of expressing different modal values and may appear in various types of complex structures.

Keywords: hierarchical layers; modality; RRG.

Introdução

Assumindo a ideia segundo a qual as categorias de TAM (tempo, aspecto e modo/modalidade) são organizadas hierarquicamente em diferentes camadas da oração (Van Valin, 2005), este trabalho² propõe uma análise da construção *(ser) capaz de/que* na língua portuguesa, buscando correlacionar suas propriedades sintáticas e semânticas. Em termos específicos, o exame aqui proposto pretende (i) verificar quais valores modais são expressos pela construção e (ii) mostrar como a variabilidade da estrutura complexa que o predicado modal licencia pode ser explicada em função da distribuição hierarquizada das modalidades em diferentes camadas da oração. A variabilidade de significados expressos pela construção é ilustrada pelas seguintes ocorrências:

1. Até agora você não **foi capaz de** desenvolver um argumento convincente. (arautodofuturo.wordpress.com)
2. Com a nova eleição presidencial se aproximando é bem **capaz que** os dirigentes do clube acabem deixando o futebol de lado para discutirem política. (elhombre.com.br)
3. A imprensa norte-americana não faz ideia de por que ele saiu de sua posição para admitir a culpa. Eu acho que ele fez isso para evitar algo pior, no caso, prisão. **Capaz que** tenha algo mais cabeludo para aparecer aí. (victormartins.warmup.com.br)

² Este artigo é derivado dos resultados obtidos na dissertação de mestrado de (Rosário, 2024), defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Como é possível observar nas ocorrências, essa construção, quando toma orações como complementos, pode veicular diferentes valores semânticos relativos ao campo da modalidade, como já é apontado por outros trabalhos realizados em diferentes perspectivas teóricas (Bassi; Görski, 2014; Rodrigues; Lunguinho, 2019; Teixeira, Gritti; Koslinski, 2019). Em (1), há uma qualificação acerca da capacidade do participante sujeito de se envolver na situação descrita pelo predicado da oração em posição de complemento. Em (2), verifica-se que a expressão codifica uma avaliação de possibilidade/probabilidade de ocorrência do evento descrito pela oração encaixada, da mesma forma que (3), em que a estrutura, agora reduzida ao adjetivo e à conjunção, também expressa a probabilidade de ocorrência do evento codificado pela oração encaixada.³ Observa-se, nessas ocorrências, que as diferenças semânticas correspondem a diferentes configurações formais (tal como diferentes graus de integração sintática), de modo que um dos objetivos deste trabalho é identificar as correlações entre a semântica e a morfossintaxe em seus diferentes usos modais.

Considerando-se essa diversidade de significados e essas diferentes expressões formais da construção, o que o exercício feito neste artigo busca é uma análise e descrição da construção (*ser*) *capaz de/que* em termos de camadas hierárquicas da oração postuladas pelo modelo da Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar* – RRG) (Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 1993; Van Valin, 2023), um modelo considerado por Butler e Taverniers (2008) como *estrutural-funcional*, tal como a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2004) e a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

A adoção de um modelo gramatical que propõe uma estrutura hierárquica da oração é vantajosa para o estudo de uma categoria qualificacional como a modalidade, uma vez que a hierarquização da oração em camadas configura-se como um recurso metodológico bastante adequado no que concerne à identificação das unidades que podem estar sob o escopo das categorias modais (e de outras categorias, como tempo, aspecto e evidencialidade). Além disso, a arquitetura da RRG permite captar correlações sistemáticas entre os diferentes significados das construções e os processos de estruturação das construções complexas.

Especificamente no caso analisado aqui, a correlação entre os significados e as configurações formais da estrutura complexa em que figura a construção (*ser*) *capaz de/que* será tratada em termos de seus diferentes significados modais e de seus tipos de complementos. Embora os trabalhos que já analisaram o adjetivo *capaz* reconheçam os diferentes tipos de complementos desse predicado modal e, como é proeminente

³ Além desses usos aqui exemplificados, o adjetivo *capaz* ainda ocorre como um marcador discursivo (Bassi; Görski, 2014, p. 595), expressando surpresa ou dúvida, em ocorrências como: “M: Eram duas horas quando você me ligou. / C: **Capaz** que eram duas horas!? / M: Sim, eram duas horas.” Esse tipo de uso foge ao escopo deste artigo.

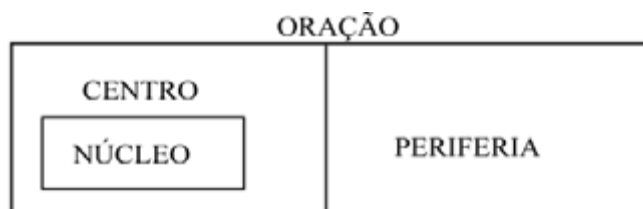
em Rodrigues e Lunguinho (2019), observem que o adjetivo pode figurar em contextos morfossintáticos distintos (pode tomar complementos finitos e não finitos), foge ao seu escopo explicar, com base em algum princípio, a relação entre os contextos sintáticos e os diferentes valores expressos por *capaz*. É essa explicação que interessa a este artigo.

Para cumprir esta tarefa, o texto está organizado da seguinte forma: além da introdução e das referências, este artigo possui quatro seções principais. Na primeira, abordam-se os aspectos teóricos relevantes para o exercício de análise, isto é, os aspectos relativos à Gramática de Papel e Referência. Depois, abordam-se os aspectos metodológicos do trabalho. Na terceira seção, apresenta a análise e discussão da construção, seguida de algumas conclusões acerca da correlação entre sua sintaxe e sua semântica com base no modelo proposto pela RRG.

A Estrutura da Oração em Camadas

Na RRG, a estrutura hierárquica da oração é baseada em dois contrastes semânticos universais, nomeadamente o contraste entre constituintes predicativos e não predicativos, por um lado, e entre constituintes que são argumentos de um dado predicado e os que não são, por outro (Van Valin, 1993, p. 5, Van Valin, 2023, p. 3). Nessa visão, as unidades constituintes básicas da oração são o *núcleo*, camada que contém o predicado (tipicamente expresso por um verbo), o *centro*, camada que abrange o núcleo e os argumentos do predicado, e a *periferia*, nódulo sintático responsável pela representação dos adjuntos. Essas unidades podem ser informalmente representadas na figura abaixo:

Figura 1. Estrutura da Oração em Camadas



Fonte: Valin e LaPolla (1997, p. 26)

Assim, na perspectiva da RRG, uma oração consiste em um centro e em uma periferia. Para exemplificar o entendimento dessa estrutura hierárquica proposta pelo modelo, observe-se seguinte sentença, que ilustra as unidades da estrutura oracional:

4. Eu vi o menino na biblioteca.

No exemplo em (4), a forma verbal *vi* é o *núcleo*, que abrange o predicado. A esse predicado se associam os constituintes *eu* e *o menino*, seus argumentos. Juntos, esses elementos constituem o *centro*, que é modificado pela estrutura preposicionada *na biblioteca*. E,

finalmente, a junção do centro com a periferia constitui a *oração*, que é a camada mais alta.⁴

É preciso esclarecer que, apesar de serem semanticamente baseadas, estas unidades da Estrutura da Oração em Camadas têm, na RRG, estatuto sintático (Van Valin, 1993, p. 7, Van Valin, 2023, p. 4). Essa é precisamente a essência da distinção que se faz entre, por exemplo, o predicado, entidade semântica, e núcleo, unidade sintática, que nem sempre são biunivocamente correspondentes.

Modalidade na RRG

No modelo da RRG, categorias gramaticais tais como tempo, aspecto, modo/modalidade e força ilocucionária são tratadas como operadores que modificam camadas específicas da oração e desempenham um importante papel na estrutura das sentenças complexas (Peterson, 2023, p. 182). Os operadores reconhecidos pelo modelo são sumarizados no seguinte quadro:

Quadro 1. Operadores na RRG

Operadores nucleares
Aspecto Negação Direcionalidade
Operadores centrais
Direcionalidade Quantificação de evento Modalidade (modais de raiz: habilidade, permissão, obrigação) Negação interna
Operadores oracionais
Status (modais epistêmicos, negação externa) Tempo Evidencialidade Força ilocucionária [IF]

Fonte: Van Valin (2005, p. 9)

Como exibido no quadro, a modalidade modifica duas das camadas da oração, nomeadamente a camada do *centro* e a camada da *oração*. No centro, localizam-se os

⁴ Na representação sintática da RRG, a oração é dominada por um nóculo sintático ainda mais alto, que é a *sentença*. A postulação do nóculo sentencial é justificada para alocar alguns elementos, tais como constituintes extraoracionais.

modais de raiz que, de acordo com Van Valin e LaPolla (1997, p. 41), abrangem as noções de habilidade, obrigação e permissão. Para ilustrar esse tipo de modalidade, considere-se o seguinte exemplo:

5. O interessado **deve** informar se quer participar do fórum ou da capacitação. (180graus.com)

O auxiliar *deve*, em (5), avalia o participante expresso pelo NP-sujeito da sentença (o *interessado*) como sendo obrigado a se envolver na ação descrita pelo verbo principal (*informar*). Em termos estritos da RRG, é possível dizer que esse tipo de modalidade aloca-se precisamente na relação estabelecida entre o primeiro argumento (geralmente o agente) e o núcleo (NUC), que contém o predicador da oração.

Na camada da oração, tem-se o *status*, uma macrocategoria que pode abranger a negação (externa) e a modalidade epistêmica. Segundo Van Valin (2005, p. 9), o *status* situa a proposição expressa na oração no *continuum realis-irrealis*, expressando as noções de possibilidade e probabilidade. Um exemplo é dado em (6):

6. Ele **pode** ter razão. (ateus.net)

O auxiliar em (6) qualifica a proposição expressa na oração como *possível*, de modo que se trata de um marcador gramatical de modalidade epistêmica, que tem escopo sobre a oração como um todo na estratificação proposta pela RRG. Diferentemente do caso anterior, a avaliação já não recai sobre a relação de um participante em um evento descrito pelo núcleo.

Essa estratificação em camadas dos operadores feita pelo modelo viabiliza entender as relações de escopo entre as diferentes categorias. Segundo o modelo, o princípio básico do escopo que governa os operadores é: *oracional* > *central* > *nuclear* (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 46). Assim, a Estrutura da Oração em Camadas prediz que o *status* tem escopo sobre a modalidade raiz, de modo que, em casos de coocorrência, essa diferença de escopo pode ser refletida na organização formal da língua. É o que se vê em Turco, por exemplo:

7. Turco (Lewis, 1967, p. 151)

Anlı-y-abil-ecek-mis-im

compreender-Ø-ABIL-IRR-INFR-1.SG

'Suponho que eu seria capaz de compreender'

Em (7), o sufixo *-abil* é meio de expressão de habilidade, um tipo de modalidade de raiz, e o sufixo *-ecek* expressa irrealidade, um tipo de *status*. Essa diferença é claramente refletida na ordem linear desses marcadores, que se estabelece em termos de: [raiz verbal] > habilidade > irrealidade. Essa diferença hierárquica entre os tipos de modalidade é muito

importante neste artigo, uma vez que ela terá impacto no modo em que a estrutura complexa em que figura a construção analisada se organiza.

Construções complexas na RRG

Na RRG, dois parâmetros são especialmente considerados na organização das construções complexas: a Teoria de Juntura e a Teoria dos Nexos. A Teoria da Juntura diz respeito aos tipos de unidades que são 'juntadas' nas unidades complexas. Segundo o modelo, estas unidades correspondem às próprias camadas da oração (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 442), resolvendo-se em diferentes níveis de juntura:

8. a. [CENTRO ... [_{NÚC} PRED] ... + ... [_{NÚC} PRED] ...] Juntura nuclear
- b. [_{ORAÇÃO} ... [_{CENTRO} ...] ... + ... [_{CENTRO} ...] ...] Juntura central
- c. [_{SENTENÇA} ... [_{ORAÇÃO} ...] ... + ... [_{ORAÇÃO} ...] ...] Juntura oracional

Conforme Van Valin (2023, p. 69), a juntura nuclear é feita com dois ou mais núcleos dentro de um único centro (p. ex.: *o homem fez a porta abrir*). A juntura central é constituída por dois ou mais centros dentro de uma única oração (p. ex.: *ele tentou abrir a porta*). E a juntura oracional, por sua vez, ocorre quando há a expressão de duas ou mais orações dentro uma sentença (p. ex.: *eu comprei um carro e ele comprou o quê?*). Sentenças complexas de nível baixo de juntura podem compartilhar argumentos e operadores gramaticais. Isso ocorre especialmente na juntura central, que pode envolver os processos de controle obrigatório (*obligatory control*), em que há obrigatoriamente um compartilhamento de argumento entre as orações (Van Valin, 2023, p. 43). Por outro lado, construções complexas com nível de juntura mais alto podem possuir sua própria expressão de operadores gramaticais, tais como tempo. Esse aspecto ficará mais claro nas análises deste artigo.

A teoria dos nexos, por sua vez, lida com os tipos de relações estruturais entre as unidades da estrutura complexa (Van Valin, 2023, p. 71), resolvendo-se em *coordenação* (total independência), *subordinação* (dependência estrutural) e *cosubordinação* (dependência de operador gramatical). Van Valin (2023, p. 76) oferece a seguinte caracterização desses nexos:

Quadro 2. Caracterização dos tipos de nexos

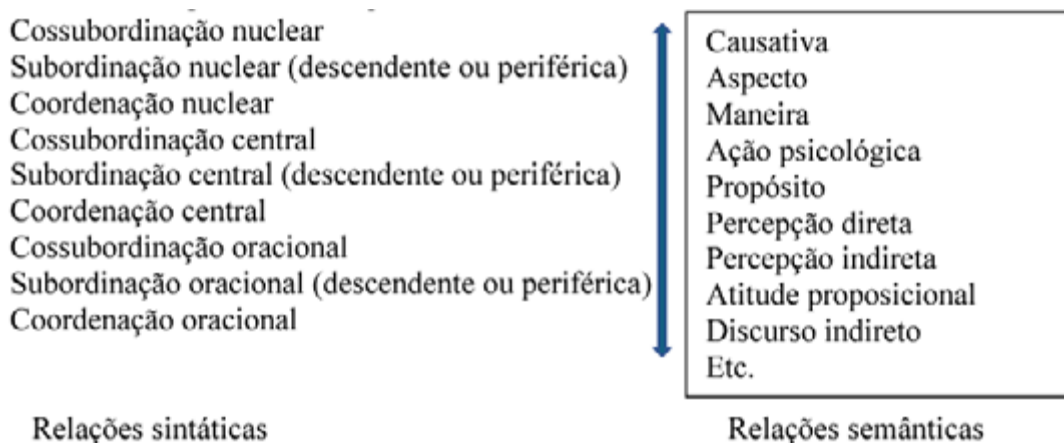
Subordinação	+encaixado (em um centro, oração ou periferia)
Cosubordinação	-encaixado, +dependente (compartilhamento obrigatório de operador no nível da juntura)
Coordenação	-encaixado, -dependente (sem operador compartilhado no nível da juntura)

Fonte: Van Valin (2023, p. 76)

Os diferentes tipos de juntura-nexos que organizam as construções complexas formam unidades com diferentes níveis de 'ligação' (*tighness*) entre as suas unidades componentes (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 477), de modo que, na RRG, esses tipos de juntura são organizados em termos de uma espécie de Hierarquia das Relações Sintáticas Interoracionais (*Interclausal Syntactic Relations Hierarchy*).

Embora seja puramente sintática, essa hierarquia nos processos de juntura oracional expressa uma variedade de relações semânticas entre as unidades ligadas (Van Valin, LaPolla, 1997; Van Valin, 2005, p. 205), tais como causação, fase (aspecto), ação mental, atitude proposicional, etc., que também são organizadas em uma hierarquia. Quando justapostas, essas duas hierarquias compõem o que a RRG chama de Hierarquia das Relações Interoracionais (*Interclausal Relations Hierarchy*):

Figura 2. Hierarquia das Relações Interoracionais



Fonte: Van Valin (1997); Van Valin (2005)

O princípio que rege as relações entre a hierarquia semântica e a sintática é o da *iconicidade* (Givón, 1980). A RRG assume que há uma relação icônica entre sintaxe e semântica nas construções complexas: quanto mais estreita for a relação semântica entre os eventos descritos no complexo sentencial, mais integradas serão as relações sintáticas que codificam esses eventos (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 480).

Um aspecto que precisa ser destacado neste artigo é o de que a Hierarquia das Relações Interoracionais se configura como ferramenta bastante eficaz para se elaborar predições acerca do comportamento formal de complementos oracionais dos predicados por meio de sua semântica. É considerando esse aspecto que este artigo analisa a interface sintaxe-semântica da construção (*ser*) capaz de/que.

Por fim, é preciso esclarecer que os aspectos da RRG descritos nesta seção são apenas os aspectos mais pertinentes para análise proposta. Quando necessários para argumentação, outros aspectos serão abordados na própria análise da construção.

Metodologia

Com a intenção de se cumprir os objetivos propostos, o trabalho serve-se de ocorrências do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), especificamente do seu banco de dados *Web/Dialetos*, que contém dados do português da contemporaneidade, extraídos de páginas da internet.

Foram encontradas 62916 ocorrências de *ser capaz de*, 551 ocorrências de *ser capaz que* e 37 ocorrências de *capaz que*. Para análise, foram extraídas 100 ocorrências dos dois padrões mais frequentes e todas as ocorrências do padrão *capaz que* disponíveis no *corpus* que tivessem complementos oracionais expressos, o que resultou em um total de 237 ocorrências. Esse ajuste na busca foi necessário, considerando que a análise pretendida neste artigo é qualitativa e que o padrão *ser capaz de* é extremamente mais frequente do que o padrão (*ser*) *capaz que*.⁵

A construção é analisada a partir dos seguintes critérios, extraídos do modelo da Gramática de Papel e Referência:

- Domínio semântico da modalidade (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41);
 - Camada sob incidência da avaliação modal – escopo (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41);
 - Tipo de juntura/nexo da estrutura complexa na qual figura a construção (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 441; Van Valin, 2023, p. 69).
- Presença de auxiliar modal na unidade matriz (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 455; Oori, 2023, p. 536):

O primeiro critério busca identificar o valor expresso pela construção em termos de habilidade e de possibilidade/probabilidade. O segundo critério busca determinar o seu escopo (centro ou oração). O terceiro objetiva verificar o nível de juntura (se central, se oracional) e o tipo de relação (se cossubordinação, se subordinação). Esse critério tenta correlacionar os diferentes significados modais da construção com diferentes níveis de

⁵ É preciso esclarecer que há, ainda, um outro padrão da construção que não foi contemplado na amostra desde artigo. Trata-se do padrão *capaz de* em início de sentença, indicando uma avaliação de possibilidade, como em “Este caso parece complicado, nunca ouvir falar de assentar ‘72 orixás’. **Capaz de** nem existir aqui no Brasil culto a essa quantidade de orixás.” (ocandoble.wordpress.com). Embora frequente na língua falada, não houve ocorrências significativas no *corpus* que viabilizassem uma análise fundamentada.

juntura/nexo. Por fim, o quarto critério busca verificar a presença de operador gramatical de modalidade (*ter que* e *dever*) na unidade matriz das ocorrências. Esse último critério é relevante porque a presença de operador gramatical pode ser reveladora do tipo de nexo em que figura (*ser*) *capaz de/que*.

Análise dos dados e discussão

A caracterização da diversidade dos usos da estrutura adjetival (*ser*) *capaz de/que* no modelo hierárquico da RRG começa pela identificação dos seus valores semânticos. As ocorrências analisadas são, em termos desse modelo, tanto meio de expressão de modalidade de raiz (nesse caso habilidade/capacidade), como em (9), quanto de *status* (nesse caso modalidade epistêmica), como em (10):

9. Ao tomar consciência do seu valor, você **será capaz de** ir em frente com muita força, coragem e confiança. (ad-mensagensdeamor.blogspot.com)
10. Se você nunca usou um aplicativo deste tipo, é bem **capaz que** o problema se resolva logo de cara (artigos.softonic.com.br).

Em (9), por meio de *ser capaz de*, atribui-se ao participante expresso pelo sujeito *você* a capacidade de realizar o evento denotado pelo verbo *ir*, expresso na oração em posição de complemento do predicado modal. No dado apresentado em (10), por sua vez, a construção modal qualifica a proposição expressa na completiva (*o problema se resolver logo*) como possível/provável. A análise das ocorrências da construção permitiu identificar diferentes padrões estruturais, a saber: [ser capaz de]; [ser capaz que] e [capaz que]. A distribuição desses valores segundo esses padrões é a seguinte:

Tabela 1. Distribuição de valores na RRG

Padrão estrutural	Valor modal	Ocorrências
Ser capaz de	Raiz (habilidade)	97
Ser capaz de ⁶	Status (possibilidade)	3
Ser capaz que	Status (possibilidade)	100
Capaz que	Status (possibilidade)	37
	TOTAL	237

Fonte: Elaboração própria

6 A expressão de *status* pelo padrão *ser capaz de* foi tratada como um caso de alçamento de constituinte por Rosário (2024). Uma indicação semelhante foi feita em Rodrigues e Lunguinho (2019, p. 556). É preciso esclarecer que esse caso não será tratado neste artigo, uma vez que será tema do outro escrito. Mas, apenas para exemplificação, essa configuração é feita em uma ocorrência como a seguinte: "o encontro entre Rita e Madalena **é capaz de** abrir portas internas e externas, o que vai dar ao filme uma beleza fotográfica e emocional realmente muito tocantes" (2001video.empresarial.ws). Nessas ocorrências, tanto leitura habilitativa quanto a de *status* são possíveis.

O exame das ocorrências analisadas revelou que os diferentes padrões estruturais podem ser associados a diferentes valores modais da construção, como mostra a tabela acima. Cada um desses padrões estruturais é analisado separadamente nos parágrafos seguintes.

Para a análise do padrão [ser capaz de], observe-se a seguinte ocorrência:

11. Com autoconfiança e espírito aberto, você **será capaz de** reunir pessoas que farão a diferença para você e sua empresa. (102fmnatal.com.br)

Em (11), *ser capaz de* denota a capacidade/habilidade do participante expresso pelo NP sujeito de se envolver no evento denotado pelo verbo da oração em posição de complemento. De acordo com o parâmetro do escopo, isto é, a camada sob o âmbito de incidência da construção, esse padrão da construção modifica a camada do *centro* da estrutura hierárquica da oração, dado que modifica a relação entre um argumento central (nesse caso, *você*) e o predicado contido no núcleo (nesse caso, *reunir*). É precisamente essa característica que justifica postular que, ao expressar habilidade, a construção atua nessa camada da sentença, porque é esse o domínio dos elementos do centro da oração (Van Valin, 2005, p. 9; Peterson, 2023, p. 202).

Conforme a seção *metodologia*, outro critério proposto com base no modelo estratificado da RRG buscou identificar o tipo de juntura-nexo das ocorrências da construção. É, portanto, o parâmetro que lida com a estrutura da sentença complexa licenciada pelo predicado modal. De acordo com esse critério, a análise das ocorrências mostra que [ser capaz de], em sua expressão de modalidade de raiz, figura em uma juntura de nível central. Além disso, o parâmetro também revela que se trata de um nexos de cossubordinação. Relembre-se que, na RRG, a juntura central consiste em uma única oração formada por mais de um centro (Van Valin, 1993, p. 107; Van Valin; LaPolla, 1997, p. 448). Esse critério pode ser defendido por meio da análise da seguinte ocorrência:

12. Falha Geral – Este é um sinal emitido em caso de problema grave, sendo que a BIOS não **foi capaz de** identificá-lo. (007blog.net)

Semelhantemente a (11), o referente codificado pelo NP sujeito, em (12), é avaliado em termos de sua aptidão para realizar a ação descrita pelo núcleo da unidade dependente (*identificar*) da estrutura complexa. Observando-se a ocorrência, nota-se que o NP a BIOS é tanto argumento do predicado modal adjetival *capaz* quanto argumento do predicado da unidade dependente *identificar*. Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 444), o compartilhamento de argumentos é característico da juntura central. Aponte-se também o fato de que, nesse contexto, esse compartilhamento é obrigatório na construção:

13. A BIOS_i não foi capaz de [- j* identificá-lo] (Adaptado de Van Valin, 2005, p. 95)

De acordo com os índices subscritos, a não identidade dos sujeitos implica a não aceitabilidade da sentença. Sendo, então, de caráter obrigatório, esse compartilhamento sustenta que essa junção central é também cossubordinada, uma vez que, na RRG, esse tipo de construção envolve obrigatoriamente um controlador (Van Valin, 2023, p. 73).

O constituinte que ocupa a posição de sujeito da unidade matriz em (12) pode ser categorizado como um constituinte que ocupa a chamada posição sintática privilegiada (Van Valin, 2005, p. 94). Há, aí, o que a RRG chama de controlador (*controller*), que, nesse caso, é o NP *a BIOS*, e o pivô (*pivot*) da construção gramatical, que é o NP sujeito de *identificar* omitido, que é correferencial com o NP-sujeito da matriz. Convém ressaltar que as noções de controlador e de pivô são as noções pelas quais o modelo da RRG entende as relações gramaticais. Segundo Van Valin (2005, p. 95), o controlador pode disparar a concordância verbal e suprir a interpretação do argumento omitido da unidade dependente, e o pivô tipicamente (embora não exclusivamente) é esse argumento omitido.

Além desses aspectos apontados acima, verificou-se a possibilidade de haver expressão de operador gramatical na unidade matriz. Isso não só é possível como também é detectado entre os dados analisados:

14. Você tem que **ser capaz de** lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara. (ataquetotal.com.br)

A ideia subjacente a esse critério é a de que, se houver operador gramatical no nível da junção (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 455), ele obrigatoriamente deverá ser compartilhado entre os centros (eventos) da estrutura complexa. De acordo com Van Valin e LaPolla (1997, p. 455), a dependência de operador é uma das características basilares do nexos de cossubordinação. Em (14), há a presença de um auxiliar modal deôntico (*ter que*) na unidade matriz, e nota-se que ele tem escopo sobre os dois centros da junção: o participante *você* não só é obrigado a *ser capaz* como também é obrigado a *lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara*.

Para a análise dos padrões [ser capaz que] e [capaz que], observem-se as seguintes ocorrências:

15. A mídia o perseguirá enlouquecidamente, ele não terá privacidade e é bem **capaz que** ele acabe “morrendo na cruz” como Jesus. (abr-casa.com.br)
16. Nós não concordamos o tempo todo e se na mesma cidade estivéssemos, **capaz que** eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse. (miltonribeiro.sul21.com.br)

De acordo com o critério do domínio semântico da modalidade, o padrão [ser capaz], em (15), serve à expressão de *status* na RRG, isto é, situa proposição expressa pela oração

subjativa dentro do domínio da possibilidade/probabilidade, o que é característico desse domínio semântico. Da mesma forma, o padrão [capaz que], no qual a cópula é suprimida, é também meio de expressão de *status* no modelo. Como se vê, diferentemente do padrão anterior, não se trata mais de habilidade referente a um participante codificado por um NP sujeito, mas da expressão de valores ligados ao domínio epistêmico.

A análise do parâmetro relativo à camada da oração sob o seu âmbito de incidência da construção mostra que é uma oração como um todo que está sendo modificada pela construção nesses casos – *que ele acabe morrendo na cruz* e *que eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse*.

Como expresso na seção de metodologia, um dos critérios estabelecidos a partir do modelo hierárquico da RRG busca determinar o tipo de juntura-nexo da construção, caracterizando, portanto, a estrutura complexa na qual figura a construção investigada. A análise desse critério mostra que esses padrões da construção licenciam uma juntura de nível oracional e do tipo subordinada, diferentemente do padrão anterior. Esse posicionamento pode ser defendido considerando-se alguns apontamentos. No modelo de junção oracional proposto pela RRG, a subordinação de nível oracional pode ocorrer quando uma oração como um todo é encaixada em posição de argumento de um núcleo de um centro (Ohuri, 2023, p. 532). Com efeito, isso é o que se vê nesses padrões da construção. Em casos como (15-16), as orações *que ele acabe “morrendo na cruz”* e *que eu desse com o cardápio na sua testa* são encaixadas como argumentos centrais (sujeitos) do predicado modal *capaz*. Além disso, nota-se que elas são codificadas por orações-QU (*that-clauses*), aspecto característico desse tipo de juntura-nexo (Van Valin, 2005). Essa última característica evidencia a finitude das unidades encaixadas nesses padrões da construção, o que mostra uma diferença substancial entre seus usos que expressam *status* e modalidade de raiz.

Essa diferença em termos de finitude e não finitude das unidades dependentes pode ser adequadamente explicada pela estrutura da oração em camadas: uma vez que são orações como um todo envolvidas nos casos (15-16), espera-se que a expressão de operador temporal seja possível (Ohuri, 2023, p. 533), uma vez que tal operador está localizado acima da camada do centro na estrutura hierárquica da oração.

A correlação entre sintaxe e semântica da construção (ser) capaz de/que

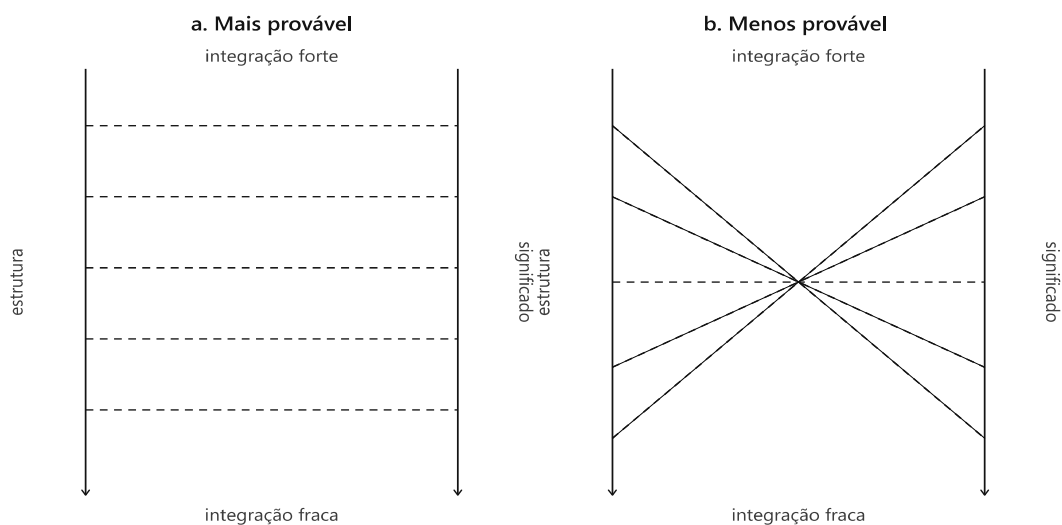
A análise proposta na seção anterior mostra que a construção (ser) capaz de/que, em termos da RRG, é meio de expressão de modalidade raiz (habilidade) e de *status* (modalidade epistêmica). Além disso, a análise também apontou que a construção figura em diferentes tipos de juntura-nexos. Associando cada padrão da construção a cada significado modal, conclui-se que a construção, quando denota modalidade de raiz, figura

em contexto de junção central do tipo cossubordinada e, quando denota *status*, figura em contexto de junção oracional do tipo subordinada, isto é, em um nível de junção mais alto.

Esse resultado mostra que há, nos usos da construção, uma correlação entre os aspectos semânticos (captado em termos de diferentes valores modais) e os aspectos sintáticos (captado em termos de diferentes tipos de junção-nexos). No modelo da RRG, essa correlação pode ser modelada considerando-se a Hierarquia das Relações Interoracionais (*Interclausal Relations Hierarchy – IRH*) (Van Valin; Wilkins, 1993, p. 514), que lida com o mapeamento entre as relações semânticas com os tipos sintáticos.

A IRH prediz que relações semânticas mais abstratas tendem a ser codificadas por junções sintáticas mais altas (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 480), o que mostra uma relação icônica entre sintaxe e semântica na junção oracional. Conforme apontado na seção *Construções complexas na RRG*, o princípio primário que regula a relação entre as relações semânticas e sintáticas é: quanto mais integradas são as proposições expressas no complexo sentencial, mais integradas elas também serão no plano sintático. O mapeamento entre esses dois planos pode ser esquematizado na seguinte figura:

Figura 3. Correlação entre significado e forma em estruturas complexas



Fonte: Adaptado de Ohori (2023, p. 546)

O que a figura (3) mostra é uma generalização tipológica feita pela RRG no que tange à correlação entre significado e forma das construções complexas (Ohori, 2023, p. 545-546), que assim se enuncia: uma construção associada a uma relação semântica mais alta também estará associada a um tipo sintático elevado hierarquicamente (em termos

de junctura). Isto é, o cenário mais provável de acontecer é o cenário ilustrado no lado (a) da figura 2 acima.

É precisamente isso que ocorre com a construção (*ser*) *capaz de/que* no português: ao expressar modalidade de raiz, que é um domínio modal mais concreto se comparado ao domínio epistêmico, a construção licencia uma junctura sintática mais baixa (que se reflete em ambiente sintático mais integrado). E, ao expressar *status*, que é um domínio modal mais abstrato do que a modalidade raiz, a construção licencia uma junctura sintática mais alta, mostrando, portanto, uma relação icônica entre forma e função.

As determinações hierárquicas concernentes às unidades das estruturas complexas licenciadas por predicados implicam também em diferentes hierarquizações entre diferentes aspectos. De acordo com Van Valin (2005, p. 211), uma aproximação inicial pode ser formada em termos de:

- 17. Hierarquia temporal:** fases de um único evento > eventos simultâneos > eventos em sequência > não especificado
- 18. Hierarquia causal:** física > verbal > subespecificado > inferido
- 19. Disposição mental do participante:** intenção > percepção > crença > conhecimento
- 20. Hierarquia da necessidade de participante compartilhado:** Sim > Não (Van Valin, 2005, p. 211)

No que tange à construção (*ser*) *capaz de/que*, parece que as hierarquias mais salientes são a temporal e a da necessidade de participante compartilhado. Como foi proposto nas análises acima, quando expressa modalidade de raiz, ela mostra combinatória com construção infinitiva, fazendo com que a referência temporal da oração em posição de complemento seja dependente da matriz. Por outro lado, quando a construção denota *status* (superior na hierarquia), a expressão de tempo da oração dependente é encontrada. No que se refere aos participantes, a construção requer compartilhamento semântico de argumento em seu significado de raiz, diferentemente do que ocorre em sua expressão de *status*.

Referências

BASSI, A.; GÖRSKI, E. M. A Multifuncionalidade do item: uma abordagem baseada no uso. *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto), v. 58, n. 3, p. 593-622, jul. 2014. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1409-4>.

BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). *Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge University Press, 2023.

BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories* (Studies in Language Companion Series 63 and 64). Amsterdam and Philadelphia, PA: Benjamins, 2003.

BUTLER, C. S.; TAVERNIERS, M. Layering in structural-functional grammars. *Linguistics*, v. 46, n. 4, p. 689-756, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1515/LING.2008.024>

GIVÓN, T. The binding hierarchy and the typology of complements. *Studies in Languages*, v. 4, p. 333-377, 1980.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. Edition. London: Arnold, 2004.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar. A typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEWIS, G. L. *Turkish Grammar*. Oxford: Clarendon Press, 1967.


OHORI, T. The Structure and Semantics of Complex Sentences. In: BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). *Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023, p. 525-556.

PETERSON, J. Lexical and Grammatical Categories in RRG. In: BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). *Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. p. 181-217.

RODRIGUES, P.; LUNGUINHO, M. V. A pragmaticalização de capaz em português brasileiro e a codificação da atitude do falante. *Revista de Estudos da Linguagem*, Faculdade de Letras da UFMG, v. 27, n. 2, p. 549, 25 fev. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.2.549-574>.

TEIXEIRA, L. R.; GRITTI, L. L.; KOSLINSKI, E. Algumas considerações semântico-pragmáticas sobre "capaz". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Universidade Estadual de Campinas, v. 61, p. 1-25, 23 abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v61i0.8654342>.

VAN VALIN, R. D. Jr.; LAPOLLA, R. J. *Syntax: Structure, meaning, and function*. Cambridge: CUP, 1997.



VAN VALIN, R. D. Jr. Principles of Role and Reference Grammar. *In*: BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). *Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge University Press, 2023. p. 17-180.

VAN VALIN, R. (ed.). *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993.

VAN VALIN, R.; WILKINS, D. P. Predicting syntactic structure from semantics. *In*: VAN VALIN, R. (ed.). *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 499-534.

VAN VALIN, R. Jr. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.